

APROPRIAÇÃO CULTURAL DA CULTURA NEGRA: A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA E AS VERTENTES DO RACISMO

CULTURAL APPROPRIATION OF BLACK CULTURE: THE AESTHETICS OF BLACK WOMAN AND THE SIDES OF RACISM.

PAES, J.C.S.; MACHADO JUNIOR, L.B.S.

Departamento do Curso de Psicologia– Centro Universitário das
Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O trabalho busca discutir acerca do tema apropriação da cultura negra, buscando entendê-lo, bem como suas vertentes. Discutimos como o racismo ainda é presente na nossa sociedade e como ele é algo tão naturalizado, buscando relacioná-lo com a apropriação cultural e suas consequências para o povo negro, e como essas consequências prejudicam essa população. Busca discutir não apenas a questão da apropriação cultural, mas toda existência de uma luta que se tem por traz da estética da mulher negra, e essa apropriação que não é apenas a simbolização do uso de objetos de tal cultura, mas como isso se relaciona ao nosso dia a dia, e não paramos para questionar o porquê é visto como sendo algo positivo e valorizado em uma cultura e em outra (de sua origem) não é visto como tal. Analisamos também o papel do psicólogo com relação a isso, que é muito importante, compreendendo a sociedade em si e seus comportamentos: como o racismo e a discriminação trazem consequências a sociedade.

Palavras-chave: Cultura. Racismo. Descolonização. Preconceito. Negro.

ABSTRACT

The paper discuss about appropriation of black culture, thus seeking to understand the theme and its aspects. Discuss how racism is still present in our society, and how it is naturalized, relating racism to cultural appropriation and consequences for black people, and how these consequences of racism harm this population. We discuss not only the issue of cultural appropriation, but the whole existence of a struggle over the black woman's aesthetics. Appropriation is not only use of objects from such a culture, but how it affects our daily lives, and why it is seen as something positive and valued in one culture, but not at the original one. Analyzing also the role of the psychologist understanding the society and how racism and discrimination brings consequences.

Keywords: Culture. Racism. Decolonization. Prejudice. Black People.

INTRODUÇÃO

A escravidão foi abolida no Brasil de forma lenta, porém o racismo ainda está muito presente em nossa sociedade, e está tão naturalizado que as pessoas o praticam de forma sutil. A diferenciação de pessoas de outras raças é muito grande, principalmente quando se trata dos negros, não só no Brasil, mas em todos os países. O Brasil foi um dos últimos a abolir a escravidão, sendo esta obrigatória por questões financeiras, então os negros são libertos e começam a tentar reconstruir suas vidas. Somente a partir do século XX, começa-se estudar a origem dos negros e postula-se a visão adotada pelos Europeus de que a raça negra fosse inferior, fortalecendo ainda mais o racismo. Objetivo dos Europeus era que o Brasil se mantivesse sendo a maior parte da população composta por brancos, e a

mestiçagem seria para que o povo acreditasse que o país não é um país de desigualdade. Notamos até hoje a ideia da democracia racial, que considera que o Brasil seria um país no qual todas as pessoas são iguais e possuem o mesmo direito, sendo essa ideia totalmente contraditória com os dados de realidade (RIBEIRO; SENSONE, 2003).

Sabemos que o Brasil é um país miscigenado, um país de diferentes culturas e raças. Podemos então falar da democracia racial, que é um termo usado para falar das relações sociais no Brasil, porém não deu conta de diminuir o preconceito e a desigualdade entre os brancos e negros (GUIMARÃES, 2001).

Podemos citar a África do Sul, em que aconteceu *Apartheid*, que separava os negros dos brancos, em que os negros não podiam andar na mesma direção que os brancos, usarem os mesmos locais, comer junto, o fato de estarem juntos ou igualados era inadmissível; não podiam participar das políticas, sendo sempre vistos como uma raça inferior. Nelson Mandela foi muito importante nessa época, um dos grandes líderes da luta para pôr fim nesse sistema (LUZ, 2008).

Entretanto, vemos que maior parte do que os negros tinham foi tirado de si: seus costumes, suas identidades, sua liberdade, seu direito de se expressar. A escravidão dos negros foi um massacre, no qual muitos dos negros morreram da forma mais cruel possível, como por torturas e castigos desumanos. Muitas das mulheres negras morreram exploradas e sofreram agressões físicas, psicológicas e sexuais. Vemos nos dias de hoje que o fim da escravidão só está no papel, pois na realidade no cotidiano podemos observar que isso não condiz com a realidade que vivemos.

A raça é definida pela cor de pele: se o indivíduo for negro, e quanto mais negro ele for, mais o racismo vai recair sobre ele e mais será excluído da sociedade; se o indivíduo for branco, ou “menos negro”, mais oportunidades terá.

Pessoas negras em todo lugar sofrem com o preconceito, sofrem por não poder ser quem elas realmente são, sofrem por não poderem ter fala diante de algumas situações, por perderem uma vaga de emprego, por terem que aguentar piadas racistas, humilhação, e pelo fato de seu cabelo e vestuário estarem fora do “padrão” que a sociedade nos impõe (PEREIRA, 1983).

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é bibliográfica não sistemática, sendo sua fonte livros, artigos, revistas, periódicos e *sites*. A teoria para análise é a psicologia social crítica, buscando entender o racismo, partindo da pesquisa sobre este, sobre a história da população negra, a forma que ocorreu a escravidão e os danos que isso causou. Buscamos discorrer sobre casos de racismo e apropriação cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade passa uma visão do negro como algo negativo. Antes mesmo de se tratar de raças, tinha-se uma visão do negro criada socialmente como ele sendo ruim, o sujeito mais envolvido com criminalidade, um ser inferior (ANDRÉ, 2007).

Importante destacar nesse trabalho o surgimento do feminismo, ainda no século XIX, pelo fato da mulher não ter seu direito a voto, a salários, por serem oprimidas e excluídas na sociedade e na política. O feminismo surge na busca por igualdade de direitos entre homens e mulheres, sendo esse movimento de luta social e econômica. Esse movimento só teve visibilidade em 1960 nos Estados Unidos, em meio as reivindicações das mulheres por seus direitos. No Brasil ocorreu em 1970. As mulheres negras adentram essa luta em 1980, Além de discutir sobre gênero inclui raça e as diferentes formas de opressão, não apenas pelo fato de serem mulheres lutando pelos seus direitos, mas pelo fato de terem uma carga maior ser mulher e negra (PINTO, 2009).

Tendo em vista que essa discriminação da mulher negra vai de encontro ao mercado de trabalho, em que as oportunidades são menores, às vezes até inexistentes. Na história do negro, a mulher negra é objetificada, sendo vista como tendo um corpo que desperta “desejo” e que precisa saber sambar. Temos, ainda, o uso de termos pejorativos relacionados ao negros, dentre eles “denegrir”, “a coisa está preta”, como se o preto estivesse relacionado a algo ruim; “serviço de preto”, como se tudo que o negro fizesse fosse algo ruim; “morena ou mulata”, no sentido de clarear o negro, pois ser negro não é algo bom (COELHO; GOMES, 2015).

A construção de identidade do negro é importante e significa resistência diante de uma sociedade racista. Buscando por essa identidade, reconstruir e construir sua história e sua forma de existir é um processo de transformação constante, política, social e economicamente. A democracia racial baseia-se em ideais ilusórias em que a sociedade vive de forma harmoniosa com as diferenças.

Visto que a população brasileira vive sob padrões europeus, o negro tenta se aproximar de características do branco-europeu, pois acredita que dessa forma poderia ser mais aceito e menos discriminado. A busca por essa identidade do negro é uma luta constante, pois alguns negros têm a recusa de si próprio e de sua raça, resultado do ideal de ser branco (PINTO; FERREIRA, 2014).

É importante destacar que a vinda dos negros ao Brasil foi um processo desumano. Os negros foram exportados e obrigados a trabalhar sem garantia de seus direitos. Eram abordados como mercadorias: tinham que ter alguns requisitos para serem vendidos, como a cor de pele, do mais claro para o mais escuro, estado físico, o sexo, a condição em que se encontrava, idade e o que eles soubessem fazer, que pudesse ser de uso para os senhores que o compravam.

O Brasil é rico em culturas de vários povos: europeus, índios, negros, entre outros. A cultura de cada um deles é a simbolização de um grupo de pessoas com os mesmos ideais. Quando a população negra chegou ao Brasil, não vieram por vontade própria, foram exportados e obrigados a trabalhar sem direitos básicos de vida e sem direito de escolha. Seus costumes e suas culturas foram se perdendo diante da situação da escravidão e da violência (SANTOS; NETO, 2011).

A apropriação cultural é quando objetos e costumes de uma cultura só são valorizados em outra cultura. A cultura negra envolve um processo de construção de identidades, como no caso dos tambores, turbantes, os *dreads*, as tranças *box braids*, entre outros costumes dessa cultura. Tudo isso foi adotado como uma estética na sociedade em que vivemos, sendo visto de forma positiva na classe dominante, formada por brancos, e de forma negativa na classe que é dominada, formada majoritariamente pelos negros. A cultura afro-brasileira passou por um processo que foi apagando sua história. O povo negro não podia praticar nada referente a sua cultura, e nem sequer usar certos tipos de penteados, sempre escondendo seu cabelo (PINHEIRO, 2015).

Podemos apresentar um caso que foi publicado na revista *Geledés*, do Instituto da Mulher Negra, em que uma jovem de 22 anos, branca, estava com tranças estilo *Box Braids*, em um festival de música conhecido como *Lollapalooza*. A jovem chamou a atenção pelo fato de usar tranças e entrou na lista de uma das mulheres mais bonitas devido a seu “diferencial”, atraindo atenção midiática. Segundo ela, inspirou-se em uma blogueira negra que usava o mesmo visual. Essa situação foi comparada a de uma mulher, negra e médica, que sofre racismo por ter

Dreadlocks no seu cabelo. Pessoas que trabalham com ela afirmam que não é habitual usar aquele estilo no ambiente, e que estaria incomodando os pacientes (GELEDÉS, 2018).

Autora ainda relata que o negro no Brasil, e em qualquer outro país, não tem seus direitos iguais ao do branco. Percebe-se atualmente que tornou-se fácil agir como um simulacro do ser negro. Pode-se usar de seus costumes, cultura, adereços, e serão sempre vistos como algo “belo”. Já o negro usando de seus próprios costumes e adereços é inferiorizado, perdendo dessa forma todo o significado que tem sua cultura. Importante compreender que não tratamos nesse trabalho apenas do uso de adereço dos negros por uma outra cultura. A questão é que sua cultura só é valorizada em outra cultura, considerada “superior”, o que produz perda de significados e enfraquece sua luta.

Nós, como futuros psicólogos, temos um papel muito importante nessa relação, pois trabalhamos para uma sociedade mais justa, buscando priorizar a vida das pessoas, seu bem-estar, lutando contra toda forma de preconceito, desigualdade e discriminação (MARTÍN-BARÓ, 1997).

Sabemos que falar sobre apropriação da cultura negra parece ser algo novo, principalmente nas mídias, mas é algo presente na sociedade há muito tempo. Discutir sobre esse tema não envolve apenas a questão do uso desses objetos, mas o significado que esse objeto tem para cada cultura e a perda desse significado, pois esse objeto passa a ser valorizado apenas na cultura branca, sendo negado na cultura de origem. A perda simbólica que isso representa para a cultura negra enfraquece uma luta existente desde a escravidão. Podemos analisar que grande parte da cultura negra, como a capoeira, o *jazz*, as tranças *rastafári*, turbantes, são elementos valorizados quando estão sendo reproduzidos em uma cultura dominante. Isso enfraquece a luta dos negros por igualdade e visibilidade, por um lugar na sociedade na qual ele não tem voz. É preciso compreender por meio da estética da mulher negra como o racismo existe e como são impostas a essas pessoas negras o tempo todo não serem negras, pois precisam agir como as brancas e seguir um padrão europeu fortemente imposto na sociedade, criando assim uma visão estereotipada e racista dos negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe conhecimento e entendimento da cultura negra e da

história que na maioria das vezes é contada de forma incompleta, apagando dessa forma a história do negro e excluindo sua identidade e cultura. Buscamos resgatar a identidade e subjetividade do negro e entender suas vertentes de luta e reivindicação.

Trabalhamos a compreensão do tema da apropriação cultural, devido a sua importância na compreensão da luta da população negra e de suas vivências, contribuindo na elaboração de vias contra o preconceito e discriminação racial.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Maria. **Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil**. São Paulo. v.27, n.2, dez, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200010>. Acesso em: 14 maio 2018.

Blog Gelédes Instituto da mulher negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/inspirada-em-blogueira-negra-jovem-faz-trancas-e-e-considerada-musa-do-lol-lapalooza/>>. Acesso em: 02 Maio. 2018.

COELHO, Andreza; GOMES, Sansarah. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Maranhão. XII Jornada Políticas Públicas. UFMA, 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasileira.pdf>> Acesso em 13 de maio.

GUIMARÃES, Antônio. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. São Paulo, 2004.

LUZ, Marco. **Cultura negra em tempo pós-moderno**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **O papel do psicólogo**. Natal. v.2, n.1, Jan/June 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt > Acesso em 13 de Maio 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Porque ensinar a história da África e do negro no Brasil hoje**. Revista do Instituto de estudos brasileiros, São Paulo. n.22, p.20-31, dezembro, 2015.

PEREIRA, João. **Negro e cultura negra no Brasil atual**. São Paulo, 1983.

PINHEIRO, Lisandra. **NEGRITUDE, APROPRIAÇÃO CULTURAL E A “CRISE CONCEITUAL” DAS IDENTIDADES NA MODERNIDADE**. Florianópolis, 2015. Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427821377_ARQUIVO_LISANDRA-TEXTOCOMPLETOANPUH2015.pdf> Acesso em: 13 de Maio.

PINTO, Marcia; FERREIRA, Ricardo. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade negra**. São João del-Rei, v.9, n.2, Dezembro, 2014. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011 > Acesso em: 13 de Maio.

RIBEIRO, Vera; SANSORE, Livio. **Negritude sem etnicidade**. Salvador, 2004. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8750/3/Negritude%20sem%20etnicidade%20Copy.pdf> >. Acesso em: 09 Agost 2019.

SANTOS, Rafael; BARRETTO, Margarita. **Aculturação impactos culturais, processo de hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo**. Rio Grande do Sul, v.17, n.2, p.244-261, 2006. Disponível em: < [http://www.spell.org.br/documentos/ver/27931/aculturacao--impactos-culturais--processos-de-h->](http://www.spell.org.br/documentos/ver/27931/aculturacao--impactos-culturais--processos-de-h-) Acesso em: 13 de maio 2019.

PINTO, Céli. **Feminismo, história e poder**. Rev.Sociol.Polit. Curitiba, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> > Acesso em: 07 de Out de 2019.